

9

Conclusão

“Moda e indumentária não são simplesmente fenômenos, ou privados ou públicos, por exemplo; elas estão no limite entre sujeito e objeto. Representam algo como uma divisa ou uma margem entre uma persona pública, externa, e uma identidade privada, interna.” (Barnard, 2003:214)

O mundo mudou e o tempo se acelerou. Sendo assim, a moda parece atualmente se impor como objeto de estudo indispensável para se pensar o contexto sociocultural contemporâneo em que a comunicação verbal cedeu lugar à outra mais horizontal e silenciosa ou talvez, mais visual. Nos tempos atuais, nossas roupas falam de nossas almas num tempo diferente, pois o presente se impôs significando tanto o passado quanto o futuro, do mesmo modo que as roupas usadas pelos *Clubbers* e *Ravers* transitam entre uma estética cibernética e retrô.

Vimos ao longo deste estudo a moda como fenômeno bem mais amplo do que os modos de se vestir, abarcando modos de conduta, idéias e sentimentos que agrupam os seres humanos e os definem num dado momento histórico, econômico e cultural. Momento atual paradoxal de busca pela autenticidade num grupo de iguais. Estamos, hoje em dia, imersos em imagens, numa época caracterizada principalmente pelo culto ao hedonismo, consumo, tempo livre e prazer característicos das festas *Raves* nas quais a única preocupação se dá em torno de longas horas de prazer individual, proporcionado por elementos externos, como música, drogas ou imagens. Nessas festas, assim como fora delas, tudo parece acontecer ao mesmo tempo, fazendo-nos esquecer nosso passado e não projetarmos o futuro, tendo assim a sensação da eternidade e do descompromisso característicos da contemporaneidade, quando a busca por sensações que prometem

felicidade plena ou eterna se esgota num desenfreado consumismo de objetos e imagens, elevando o ter e preterindo o ser.

Como postulou Lipovtesky (1989), vivemos numa época de culto da democratização do hedonismo e da consagração generalizada do Novo, na em que o prazer e a estimulação de nossos sentidos se tornaram valores dominantes. Estamos cada vez mais anestesiados ou, talvez, extasiados pelas imagens que nos consomem.

São tempos de grandes contradições realmente, como colocou Jobim e Souza (2003) em *Educação @ pós-modernidade*, igualdade e liberdade são os valores que regem essa nova ética de estar no mundo. Igualdade porque as hierarquias foram questionadas e liberdade porque cada vez mais os indivíduos estão buscando novas sensações. Sendo assim, “Se, por um lado, busca-se uma homogeneização, conduzida pelo princípio da igualdade, por outro, através do princípio da liberdade, aprofunda-se o processo de diferenciação e de acentuação das singularidades, desencadeando uma tendência de personalização sem precedentes na história da constituição do indivíduo, levando o sujeito ao desfecho da cultura narcísica.” (Jobim e Souza, 2003:19).

Mas, onde entra a moda nisto tudo? Vimos através de Maffesoli (1987) que as roupas são máquinas de comunicar, sendo a presença ou a ausência destas o que torna possível o estar junto hoje, num tempo em que a socialização se dá pelo sentir ou ter em comum.

Um novo tipo de vínculo estava emergindo, apontou Maffesoli (1987), e isso se fez evidente na “tribo” estudada. Hoje o vínculo se dá na horizontal, pela sensação ou pelo acessório compartilhado. Atualmente o engajamento é emocional e não mais moral, e isso o torna mais efêmero ou superficial, como o trocar de roupa. O *neotribalismo* parece ser caracterizado, portanto, pela fluidez e identificação com modelos, como vimos num capítulo anterior. Trocamos muito e cada vez com mais pessoas. As trocas se tornaram cada vez mais ligadas à superfície, à roupa que vestimos ou à música que

escutamos. Nossas palavras foram substituídas por roupas. Vestimos, hoje em dia, modos de ser ou estar.

Se acompanharmos o histórico traçado neste estudo, podemos observar que o homem sempre teve o desejo de se comunicar por imagens e objetos. Seus registros mais antigos foram realizados através de uma linguagem visual. Sendo assim, podemos dizer que as imagens e os objetos são signos e, como signos, precisam ser decifrados por nós. Parece que, hoje, nossa imagem e os objetos que exibimos, como colocou Jobim e Souza (2003), são as janelas de nossa alma, modos de acesso a nossa subjetividade nesse mundo em constante transformação. Mas, o que esses objetos, roupas e imagens sem alma ou história tem a nos dizer sobre a cultura e o sujeito atual?

É possível dizer que a cultura da descartabilidade tomou o lugar da economia de permanência, ou melhor, a “cultura dos sentimentos” foi substituída pela “cultura das sensações”, para a qual o novo fica velho num curtíssimo espaço de tempo. E, assim, podemos concluir que a “tribo” *Clubber ou Raver* retrata exatamente essa sociedade em que vivemos, uma sociedade governada pela moda. Sujeitos parecem não compartilhar mais valores ideológicos mas sim sensações, roupas ou acessórios e é isso que os une. Todavia, é importante destacar que a principal mudança trazida pela moda para a nossa sociedade não foi instalar um novo tipo de socialização, mas sim uma nova relação com o tempo, em que o presente tornou-se imperativo categórico. Essa mudança temporal veio a acarretar mudanças de outra ordem, pois se o que temos é o presente, é razoável supormos que temos cada vez menos tempo. Com isso, a comunicação precisou se apressar, passando a ser mais visual do que verbal, fato que se evidencia na moda usada pelos *Clubbers ou Ravers*. Suas roupas, maquiagens e acessórios falam, gritam, protestam.

Esse mundo tão corrido sugere não haver mais tempo para pensar, então olhar é o quanto basta. E, assim, vamos nos tornando cada vez mais solitários, presos aos nossos gozos íntimos, vivendo num culto ao

individualismo. Esse fato parece ter se evidenciado nos relatos sobre as festas *Raves*, nas quais as trocas se dão através de novas vias. Dessa forma, os sujeitos estão sempre sozinhos no meio de uma multidão. E isso, se observarmos bem, é que parece acontecer também pelas ruas de grandes metrópoles, onde milhões de cores e sons invadem nossos sentidos, mas estamos sozinhos ou, talvez, trocando com a exterioridade do outro e não com o seu íntimo. Vivemos em “bolhas” superficiais “criadas” pela globalização, que nos permite trocas virtuais, bem menos profundas que as reais.

É preciso dizer que o presente trabalho não teve a pretensão de buscar uma “verdade” mas sim um “saber” acerca de um grupo específico - *Clubbers e Ravers*. Vale destacar também que esse “saber” só pôde ser entendido e adquirir um significado em referência a um contexto social e cultural mais amplo. Nesse sentido, talvez o discurso desses sujeitos possa realmente ser tomado como uma metáfora da sociedade atual em que o culto pelas imagens impera.

Reconhecemos a exigüidade da “amostra” da pesquisa, mas esperamos que o “saber” aqui apresentado tenha ilustrado um pouco do que acontece nos tempos atuais e sirva de ponto de partida para estudos posteriores mais abrangentes acerca da moda como uma forma de expressão, comunicação e representação social da contemporaneidade. Pois acreditamos que os sujeitos e sua moda que foram objeto deste estudo servem de exemplo ou, talvez, de instrumento para uma compreensão da época em que vivemos e somos protagonistas. Época tão paradoxal e efêmera regida pelo sistema moda, para o qual a imagem vale mais do que o verbo e as sensações mais do que os sentimentos.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond. *A palavra mágica*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão*. Petrópolis: Vozes, 1978.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Vozes, 1992.

BARNARD, Malcolm. *Moda e Comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Elfos, 1974.

BEIGBEDER, Frédéric. *Barbie: O universo da moda*. Rio de Janeiro: Cosac e Naify, 2000.

CAMPOS, Cristina CG. *Regras e alteridade na cultura de consumo*. *Psicologia Clínica* 12(2):31-44 2002

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CARNEIRO, Cristina. 1997. *A insustentável plenitude da beleza: Um estudo psicanalítico sobre a mulher e o consumo*. Dissertação de mestrado. PUC-RIO: Rio de Janeiro, 1997.

CASTILHO, Kathia e Galvão, Diana (Org.). *A moda do corpo O corpo da moda*. São Paulo: Esfera, 2002.

CASTRO, Lucia Rabello (Org.). *Infância e adolescência na cultura de consumo* Rio de Janeiro: NAU, 1998.

EDUT, Ophira. *Adiós Barbie: Young Women write about body image and identity*. Seattle: Seal Press, 1998.

EMBACHER, Airton. *Moda e Identidade: A construção de um estilo próprio*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 1999.

ETCOFF, Nancy. *A lei do mais belo*. São Paulo: Objetiva, 1999.

JAMESON, Frédéric. *Pós-modernismo e sociedade de consumo*. Em KAPLAN, Ann (Org.). *O mal estar no pós- modernismo*. RJ: Zahar, 1993, 25-44

JOBIM e SOUZA, Solange. *Educação @ Pós Modernidade*. Rio de janeiro : 7 Letras, 2003.

JOBIM e SOUZA, Solange (Org.). *Mosaico*. Rio de Janeiro: Rios, 2000.

JOBIM e SOUZA, Solange (Org.). *Subjetividade em questão: A infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Sete letras, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LURIE, Allison. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

MAFFESOLI, Michel. *Tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MENDES, Valeria (Org.) *20 th Century Fashion*. London: Thames and Hudson, 1999.

NOVAES, Joana de Vilhena. (2001) *Perdidas no espelho: Sobre o culto ao corpo na sociedade de consumo*. Dissertação de mestrado PUC-RIO, 2001.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Na malha da rede*. Rio de Janeiro: Campos, 1998.

PALOMINO, Érika. *Babado Forte: Moda, música e comportamento*. São Paulo: Mandarim, 1999.

PALOMINO, Erika (2002) *A moda da folha explica*. São Paulo: Publifolha

PASOLINI, Pier Paolo (1995) *Os jovens infelizes: Antologia de ensaios corsários*. São Paulo: Brasiliense.

PILLES, Maria Cecília C M (2000) Criação e Cultura de massa: Algumas considerações a partir das músicas dos DJs. *Psicologia clínica* 12(2): 83-96.

POLHEMUS, Ted (1996) *Style Surfing: What to wear in the third millenium*. London: Thames and Hudson

PORTINARI, Denise, B (2000). *A invasão de belos corpos: Corpo, técnica e fantasia na cena contemporânea*. *Psicologia clínica* 12(2) 125-138

RICHARDSON, Taylor Whitiner (1997) *Feminists frontiers IV* New York: Macgraw Hill

ROBELL, Suzanna (1997) *A mulher escondida: A Anorexia nervosa em nossa cultura*. São Paulo: Summers

ROMÃO- DIAS, Daniela (2001) *Nossa plural realidade: Um estudo sobre a subjetividade na era da internet*. Dissertação de mestrado PUC-RIO.

SIMMEL, George (1967) a metrópole e a vida mental EM O. Velho (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, Gilberto (1981) Observando o familiar EM G. Velho *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

ANEXOS

Glossário

Carão: Fazer carão é fazer pose, ser esnobe e ter carão significa ser bonito.

Ferver: “Se acabar” dançando na pista o mesmo que bombando

Mundinho: “Ser do mundinho” significa ser da mesma turma

Montado/ Montação: Arrumado de forma a chamar atenção podendo ser vestido ou não de mulher.

Almôndega: Maneira de dançar se esfregando com outros.

Atendimento: Beijar ou Ter relações sexuais com alguém.

Uó: desagradável, errado ou equivocado.

After hours: Festas depois do horário de funcionamento normal dos locais.

DJs; Disc Jóqueis, responsáveis pelo som antigos discotecários.

Bala ou E: Ecstasy

Doce: Ácido

Derreter: Sentar para descansar sob o efeito do ecstasy.

Tchau Tchau: Serve para tudo desde oi até interjeições de espanto.

O que ele quer?! Berrado na pista para o DJ em momentos de clímax

Chill in/ Out: Lugares ou eventos para se continuar juntos esperando o efeito de a droga passar.

Relatório de Observação de Campo
Evento: *Skolbeats 2002*
Data: 20/04/02
Local Autódromo de Interlagos (SP)

A maior festa *Rave* da América Latina, este era meu destino para a noite deste Sábado. Por festa *rave* entendia eu, ser uma festa que geralmente acontece num local enorme com duração proporcional ao tamanho do lugar. O som deve ser eletrônico exclusivamente e “clubbers” transitando. Seria a primeira vez que eu iria a campo, observar efetivamente a “tribo” que pretendo conhecer melhor, ou talvez, tornar um pouco menos exótica para mim. Talvez, o que eu faria seria tentar decodificar aquela linguagem contemporânea, aquelas atitudes e comportamentos.

A expectativa era enorme. O que iria eu, uma novata “antropóloga,” encontrar? Seria esta “tribo” tão exótica para mim mesmo ou algumas familiaridades seriam encontradas? Deveria eu levar máquina de retrato, gravador ou somente meus sentidos bastantes aguçados? O que iria eu vestir, uma pessoa que pretende estudar a moda como atitude e comportamento? Muitas questões invadiam meu pensamento até que decidi ir leve, confortável, descansada e isenta de “pré- conceitos”. Mas, esta parte era a mais difícil já que algo que eu não poderia deixar em casa era minha subjetividade, minha história e minha visão de sujeito e mundo. Mas, lá fui eu... com meus ouvidos e olhos bastante abertos e, sem minha carteira de identidade pois esta esqueci em casa o que me causou alguns problemas para conseguir entrar no evento. Curioso não? Será que este esquecimento teria um significado maior ou simplesmente distração ?

Olhos bastante abertos estavam os meus, já que assim que consegui chegar ao evento, depois de 2 horas de engarrafamento, me deparei com uma multidão colorida e enlouquecida tentando entrar por um portão pequeno demais para todas aquelas informações e *neons* que carregavam. Medo, tensão, ansiedade, impotência todos estes sentimentos borbulhavam

dentro de mim como as luzes que eu já podia ver piscar de longe. Vontade de desistir? Sim, isto foi a primeira coisa que pensei ao chegar no local. Vamos vender os convites disse eu para o casal de amigos que me acompanhava nesta aventura. Demos então uma volta no quarteirão e o número de pessoas, carros, e sentimentos aumentavam num ritmo desenfreado até que conseguimos estacionar o carro e enxergar de muito longe a dimensão do evento.

Cinquenta mil ingressos tinham sido vendidos, este dado eu havia escutado na mesma manhã na galeria de moda que se tornou ponto de encontro para alguns antes da festa onde fui dar uma olhada rápida. 50 mil pensei, menos do que o Maracanã lotado e do que o *Rock in Rio*, não é tanta gente assim e além do mais o local é enorme, tentava eu me tranquilizar ao escutar os “boatos”. No jornal de SP saiu que a polícia tinha feito a maior apreensão de “Extase” (droga utilizada neste tipo de festa, e mais conhecida como bala) . Mas, apesar de eu ter escutado e me informado sobre muitas coisas antes, nada diminuiu o “susto” que levei ao chegar lá. Acho que nem com retratos eu iria conseguir demonstrar a dimensão e o número de pessoas assim como de comportamentos que por ali transitavam. Tudo era novo, diferente e “eletrizante” para mim.

No meio do autódromo de Interlagos eu agora podia ver muitas tendas que pareciam tremer de longe pelo som que meus ouvidos conseguiam alcançar. Milhões de pessoas, que até então pareciam formigas andavam por ali, luzes piscavam e minha mão suave. Andamos 30 minutos até atingir uma fila enorme para entrar na festa. Gritos, apitos, cores, pretos, brancos, jovens, furados, todos juntos mas, será que os interesses eram os mesmos? “RG na mão, homens na esquerda e mulheres na direita, nada de latas...” Todas estas informações eram “gritadas” por um enorme número de seguranças que tentavam dar conta da multidão pacífica.

Homens para esquerda e mulheres para direita, esta informação me chamou atenção já que era difícil identificar pela roupa e até mesmo pelo comportamento de alguns a diferença de sexos. Parece que a

bissexualidade impera por ali. Homens cumprimentam outros com beijos, usam saias, mulheres carregam coturnos (botas de exército) nos pés e muitas outras excentricidades. Chegou minha vez, quase barrada fui eu pois não tinha RG, só a carteirinha da PUC. Conversa dali, seduz daqui até que estou dentro do evento e agora, sendo revistada de maneira bastante indiscreta por uma segurança nada amigável que até minha moedeira abriu. Ao meu lado um rapaz entrava com “malabares” na mochila, o que dizia ser proibido no ingresso e naquele momento não mais. Dei a mão para meu amigo e lá fomos nós ... rumo à terra do permitido.

Passamos por um túnel amarelo e cheio de fotos que tocava um apito que te ensurdecia e fazia você entrar na festa já num ritmo mais acelerado, ou melhor correndo Uau! Todo um novo mundo se abriu do outro lado do túnel. As 50 mil pessoas pareciam bem mais próximas agora assim como as cores mais vibrantes e o som mais alto e ritmado. Nos ambientamos e a multidão de modas e gostos parecia em paz e é verdade pois assim continuou até a hora em que fui embora, na paz, sem brigas ou confusões; a multidão era pacífica. Acabou a água disse o *barman* e ainda riu se perguntando alto : “Por que será?” Logo me dei conta que este fato deveria ser em função do alto consumo de êxtase, pílula do amor e do prazer . Resolvi então olhar ao meu redor e a maioria parecia estar “extasiada ” mesmo, com sorrisos congelados, suados e se movimentando num ritmo próprio e incessante. Estes deveriam ser os efeitos desta droga acredito eu.

Resolvemos entrar na maior tenda onde a pista pulsava assim como a música, as luzes e as pessoas. O estrobo, o gelo seco e os *lasers* incrementavam a sensação de hipnose. Eu estava hipnotizada pelo que via e sentia. Por mais que quisesse não conseguia ficar parada. A pulsação era sentida na cabeça, no peito ou melhor, por todo meu corpo. Todos os batimentos cardíacos pareciam estar num ritmo único acompanhado pela vibração do som que o DJ tocava e com este “tocava” as pessoas de uma maneira tal que o fazia ser ovacionado toda hora por um público enlouquecido. A música eletrônica com sua batida que parece única era

colocada pelos DJs que piram no palco, se revezando até o fim da noite e tornando quase impossível ouvir qualquer outro ruído ou até mesmo o som de vozes. Parece que ninguém fala, só se movimenta, só sente. O outro parece não existir por mais adornado, enlouquecido ou excêntrico que esteja. O umbigo é o centro. A variação de movimentos é livre e parece acontecer dentro de um estilo difícil de descrever. Ou melhor, a variação de tudo parece ser livre. Tudo parecia ser permitido pois o individualismo imperava.

Um movimento onde todos parecem hipnotizados, em catarse. Todos, apesar de estarem numa “viagem” singular, pareciam em sintonia. DJ’s, público, luzes, movimentos, tudo em transe, no mesmo transe, e na mesma energia. A pista de dança era o epicentro, onde tudo parece “ferver” e o ritual atinge seu clímax, sendo uma fonte inesgotável de energia. Todos parecem estar ali, se desligando momentaneamente de tudo; sua vida, seu cotidiano, seus pudores, suas máscaras... O calor e a energia são tão contagiantes que ao sair da tenda um frio e um “vazio” invadem o peito que a vontade é voltar para dentro o mais rápido possível.

A estrutura do lugar era “mega”, 3 tendas com músicas, uma com uma feira de moda (MMM), diversos bares e duas outras tendas com comidas sem esquecer do *Chill Out* que merece destaque especial posteriormente. Pelo gramado, milhões de pessoas, com os cabelos, cores, piercings, tatoos, estilos e movimentos diferentes transitavam ou até mesmo se deitavam numa exaustão que pode ser comparada à excitação anterior. Uns dormiam, outros se drogavam, poucos interagiam, se beijavam ou sequer conversavam. Muitos faziam “malabares” contagiando ao redor com cores, fogo e movimentos. O que mais me impressionou era a movimentação das pessoas. Era realmente um espetáculo.

Todo momento eu achava que uma confusão ia acontecer mas logo em seguida me tranquilizava ao perceber que era só uma multidão andando de um lado para o outro. A movimentação, o tempo e o ritmo, tudo dava a impressão que você estava andando por uma metrópole onde, para não se

tornar anônimo na multidão as pessoas se vestem e adornam seus corpos para serem reconhecidos e identificados.

Desde a cabeça até o bico dos sapatos da maioria eu observava mensagens que tentava decodificar pois estas eram extremamente paradoxais e globalizadas. Homens pareciam mulheres e vice versa. Roupas muito pretas e também muito coloridas. Mulheres com estilo sado -maso dividiam a pista com “meninas” de chiquinhas, meias coloridas, tênis e até mesmo bonecas como estampa. A versatilidade reinava. O que eu via, era que os sujeitos que por ali dançavam, movimentavam-se e se exibiam esforçavam-se em subverter valores, desafiando a categorização e utilizando portanto, roupas que demonstravam este desejo. Tudo parecia ser possível, ousar era preciso, esta era a ordem. Mas, isto não significa que ali não existia uma moda. Esta estava presente sim, em todos os espaços deste evento mas, as “modas” podiam ser misturadas, combinadas e até modificadas e assim ganhavam uma nova imagem e significado.

Cabelos podiam ter nascido castanhos ou loiros mas, porque não pintá-los de azul, laranja ou até mesmo roxo? Muitas pessoas já chegavam ao local com cabelos novos, pintados ou até esculpídos de maneira bastante agressiva para ganhar uma nova forma ou cor e conseqüentemente mais atenção. Mas, caso você quisesse modificar o seu, isto não era problema já que no meio da feira de moda existia um cabeleireiro bem “descolado” que usava sua criatividade para te metamorfosear. Um estande para se tatuar ou até mesmo furar seu corpo nos lugares mais diferentes e ousados levava muitas pessoas, no calor do momento a imprimir algo, com um significado momentâneo que poderia se tornar “obsoleto “ na próxima festa .A moda não é mesmo osmótica? Então, por que não?

A questão do tempo foi algo que me chamou muita atenção pois o tempo tinha uma conotação diferente neste evento já que você passava muitas horas ali, tendo então que se entreter de diferentes maneiras; até consumindo . Consumindo roupas, drogas, música o que seu desejo mandasse. Foi preciso então entender a relação que aqueles sujeitos

estabeleciam espaço - temporalmente naquela festa para então tentar decifrar melhor as mensagens transmitidas por esta “tribo” tão colorida. Parecia que as pessoas viviam o momento tão intensamente como se aquele fosse o último momento de suas vidas. Este fato é bastante análogo à vida da pós- modernidade onde “*time is money*” e tudo tem um sentido fugaz . Limites sexuais, sociais e individuais podiam ser transcendidos em nome do aqui e agora.

Caso você se cansasse e não tivesse a fim de se deitar pelos gramados existia uma tenda chamada *Chill out* onde uns “puffs” enormes e cheios de água ficavam embaixo de uma multidão exausta que descansava ao som de uma batida ensurdecadora. Vergonha? Esta palavra parecia não existir ali. Pessoas misturavam seus corpos com o de desconhecidos sem medo de serem roubados ou observados, e ali dormiam totalmente entregues. Aliás entrega era uma palavra que ali existia. Eu pensava: “Estas pessoas não tem casa, família, preocupações? “ Pois a vivência e a entrega eram tão profundas que aquele espaço parecia ser sua casa, e aquelas pessoas próximas seus familiares. Bom, mas familiares elas eram e eu que era a exótica ou melhor, a diferente.

Resolvi dar uma volta pelo Mercado Mundo Mix, a tenda da moda onde as coisas mais “loucas” eram vendidas. Na entrada me deparei com uma mulher, ou melhor um ser que mais parecia vindo do cyberspaço. Tudo em seu corpo brilhava, suas orelhas, seu umbigo e sua blusa; fiquei hipnotizada pelas luzes que seu corpo emanava que não consegui enxergar aquela pessoa. Acho que era uma mulher mas, podia ser loira ,morena , jovem, velha que isto não sei pois os objetos que adornavam seu corpo escondiam ela de fato. Entrei então na tenda e vi que o que vendido era também vestido por aquelas que ali estavam. Mais alguns passos e um jovem grafitava algo numa tela enorme . estranho não? Num lugar onde as pessoas pareciam se movimentar num transe individual tanta expressividade estar presente. Estariam estes sujeitos se comunicando de outra maneira? Talvez pelo que vestiam ? Fiquei intrigada com este fato. Por que a moda era

tão presente se o outro parecia ser negado neste local, somente importando o eu e seus desejos. O que estes sujeitos queriam dizer? O que expressavam através de tantas linguagens que por ali circulavam?

Toda a “fotografia” do evento parecia evidenciar muitos dos conceitos da pós-modernidade. A noção de espaço, tempo e principalmente de sujeito estavam ali presentes. E eu, observava tudo para depois tentar traduzir, ou melhor dar conta através de um texto literário de tudo aquilo que foi vivenciado como acontecimento, que já era em si uma linguagem como mesmo disse Pasolini. As linguagens primeiras nada mais são do que as ações das pessoas. Esta é a perspectiva originária, o acontecimento em ato. As outras linguagens, por exemplo poesia, cinema são traduções e representações assim como este texto.

Agora, era hora de ir embora. Antes de ir, eu tinha a intenção de ver amanhecer naquele local mas a música, a multidão e as luzes me exauriram. Para uma primeira vivência acho que três horas naquele local já deram muito o que sentir, pensar e tentar falar, ou melhor traduzir. Na minha opinião esta “tribo” realmente é da pós modernidade. As palavras são muitas, os textos diversos e as formas de expressão múltiplas por isto a necessidade de sentidos tão aguçados. Mais 30 minutos caminhando até o carro e, mais milhões de pessoas chegando e isto porque ainda eram 4 horas da madrugada assim sendo muita festa ainda ia rolar até 10 horas da manhã.

No dia seguinte muita coisa mudou em mim, pelo menos minha maneira de encarar certos fatos e eu pensava como estariam aqueles sujeitos hoje? Diferentes? Ah, isto com certeza até porque seus cabelos poderiam ter outro penteado ou seu corpo um novo desenho. Modernos? não sei ao certo pois, na minha visão mais se assemelhavam à Bárbaros.

Manifesto Rave

“O estado emocional que escolhemos é o êxtase. O alimento que escolhemos é o amor. O vício que escolhemos é a tecnologia. A religião que escolhemos é a música. A moeda que escolhemos é o conhecimento. A política que escolhemos é nenhuma. A sociedade que escolhemos é utópica apesar de sabermos que nunca será.

Vocês podem nos odiar. Vocês podem nos rejeitar. Vocês podem não nos entender Vocês podem não estar cientes da nossa existência. Nós só esperamos que vocês não tentem nos julgar, porque nós nunca os julgaríamos. Nós não somos criminosos. Nós não somos desiludidos. Nós não somos drogados. Nós não somos crianças ingênuas. Nós somos uma tribo enorme e global que transcende a lei do homem, a geografia física e o próprio tempo. Nós somos a multidão. Uma multidão.

Nós fomos primeiramente atraídos pelo som. A batida distante, tempestuosa, abafada e ecoante se comparava ao coração da mãe pulsando em seu útero de concreto, aço e fios elétricos. Nós fomos atraídos de volta a este útero, lá no seu calor, umidade e escuridão, entendemos que somos todos iguais. Não somente na escuridão e para nós mesmos, mas para a mesma música que nos atinge e atravessa nossas almas: Nós somos todos iguais.

E em algum lugar por perto dos 35HZ nós podíamos sentir a mão de Deus nas costas, nos impulsionando para frente, nos impulsionando para fortalecermos nossas mentes, nossos corpos e espíritos. Nos impulsionando para nos unirmos com a pessoa ao nosso lado compartilhando a alegria que sentimos ao criarmos essa bolha mágica que pode, por uma noite, nos proteger dos horrores, atrocidades e da poluição do resto do mundo. É neste instante que nascemos.

Nós continuamos nos encontrando nos clubs, galpões, ou construções que vocês abandonaram, e lá levamos vida por uma noite. Vida intensa, palpitante, vibrante em sua forma mais pura. Nesses espaços improvisados

nós procuramos nos desprender do peso da incerteza de um futuro que vocês não foram capazes de estabilizar e assegurar para nós.

Nós procuramos renunciar nossas inibições, e nos libertar das algemas e restrições que vocês nos impuseram para seu próprio bem. Nós procuramos reescrever a programação com que você tentou nos doutrinar desde que nascemos. Programação que nos manda odiar, que nos manda julgar, que nos manda rechearmo-nos nos mais próximo escaninho. Programação que até nos manda subir escadas para vocês, pular pelos arcos e correr em labirintos e em rodinhas de ratos. Programação que nos manda comer com a mais brilhante colher de prata que vocês usam para nos alimentar, ao invés de nos alimentarmos com nossas mãos capazes. Programação que nos manda fechar nossas mentes, ao invés de abri-las.

Até que o sol se levante ofuscando nossos olhos e revelando a realidade de um mundo que vocês criaram para nós , nós dançamos intensamente com nossos irmãos e irmãs em celebração à nossa vida, a nossa cultura e aos valores que acreditamos; Paz, Amor, Liberdade, Harmonia, Tolerância, Unidade, Expressão, Responsabilidade e Respeito.

O inimigo que escolhemos é a ignorância. A arma que escolhemos é a informação. O crime que escolhemos é quebrar e desafiar quaisquer leis que vocês achem que precisem criar para nos deter. Mas saiba que vocês podem estragar qualquer festa, em qualquer noite, em qualquer cidade, em qualquer país ou continente deste maravilhoso planeta, mas vocês nunca poderão estragar a festa toda. Você não tem acesso à esse botão, não importa o que façam. A música nunca silenciará. A batida nunca vai enfraquecer. A festa nunca terminará

Eu sou um Raver, e esse é meu manifesto. **(Enviado por e-mail em Outubro de 2002)**